

Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí

FRANCO, E.A.P.¹; BARROS, R.F.M.²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Rua Jornalista Dondon, n. 2216, Horto Florestal, Teresina, Piauí, Brasil, CEP. 64.051-280 (eldelita@bol.com.br). ² Dra. em Taxonomia Vegetal, Departamento de Biologia, Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina, PI, CEP. 64.049-550

RESUMO: O presente estudo foi realizado na comunidade quilombola de Olho D'água dos Pires, localizada na microrregião do Baixo Parnaíba Piauiense, no município de Esperantina, Piauí. Foram realizadas excursões de campo, no período de abril/2003 a fevereiro/2004, onde se aplicou questionários com todos os grupos familiares pertencentes à comunidade, os quais indicaram os informantes-chave com reconhecido saber, que acompanharam e indicaram as etnoespécies de uso medicinal a serem coletadas. Após esta etapa, as espécies foram identificadas em laboratório e calculado o valor de uso (VU) para cada espécie. O material foi incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB/UFPI). Observou-se que dos 33 grupos familiares entrevistados, cinco pessoas com faixa etária acima de 60 anos, uma com 55 anos e três pessoas entre 21-30 anos possuem pleno saber de uso e propriedade das plantas para fins medicinais. Foram identificadas 82 espécies, pertencentes a 69 gêneros e 41 famílias botânicas. Na comunidade menciona-se o uso das plantas medicinais principalmente para o tratamento de doenças respiratórias e infecções intestinais, na forma de chás, misturados em garrafadas e o restante como lambedores, sucos, banhos, macerações, dentre outros. As partes mais utilizadas no preparo dos medicamentos são às folhas e cascas. A espécie que merece destaque em relação à frequência e coerência de citações é a janaguba (*Hymatantus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson), sendo esta citada em 100% dos questionários aplicados para cura de gripe, inflamação na garganta, tosse, como depurativo do sangue e inflamações gerais.

Palavras-chave: categorias de uso, etnobotânica, plantas medicinais, Piauí, quilombo.

ABSTRACT: Use and diversity of medicinal plants at the “Quilombo Olho D'água dos Pires”, Esperantina, Piauí State, Brazil. The present study was carried out at the community “Quilombola de Olho D'água dos Pires”, located in the micro-region of the lower Parnaíba, in the town of Esperantina, Piauí, Brazil. Field excursion was carried out, between the period from April/2003 to February/2004; questionnaires were applied to all family groups belonging to the community, the ones which indicated the key-informants with recognizable knowledge, who followed and indicated the ethnospecies of medicinal use to be collected. After this phase, the species were identified in a laboratory and their use value (VU) was calculated for each species. The material was incorporated to the “Herbário Graziela Barroso” (TEPB/UFPI). It was observed that out the 33 family groups interviewed, only 5 people above 60 years of age, one 55 years old and three people between 21 and 30 years of age had full knowledge of the use and properties of the plants for medicinal purposes. 82 species were identified, belonging to 69 genders and 41 botanic families. It is mentioned in the community the use of medicinal plants mainly for the treatment of respiratory diseases and intestinal infections, drunk as tea mixed with “garrafada” (kind of different tree barks syrup) and the rest as lollypops, juices, baths, and macerations, among others. The most utilized parts in the preparation of the medicines are the leaves and barks. The species that deserves special attention in relation to the frequency and coherent citations is “janaguba” (*Hymatantus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson), being this cited in 100% of the questionnaires applied for the cure of influenza, sore throat, cough, as blood depurative and inflammations in general.

Key words: categories of use, ethnobotany, medicinal plants, Piauí State - Brazil, “quilombo”.

INTRODUÇÃO

O uso popular de plantas medicinais é uma arte que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização, sendo fundamentada no acúmulo de informações repassadas oralmente através de sucessivas gerações. Ao longo dos séculos, os produtos de origem vegetal constituíram a base para tratamento de diferentes doenças no mundo (Phillips & Gentry, 1993a).

No Brasil, a exploração de recursos genéticos de plantas medicinais está relacionada, em grande parte, à coleta extensiva e extrativa do material silvestre. Apesar do volume considerável de exploração das várias espécies medicinais na forma bruta ou de seus subprodutos, as pesquisas básicas ainda são incipientes (Vieira, 1994).

A população brasileira, de um modo geral, guarda um saber significativo a respeito de métodos alternativos de cura das doenças mais frequentes. As comunidades tradicionais possuem uma bagagem maior sobre o assunto, porém sofre ameaça constante devido à influência direta da medicina ocidental moderna e pelo desinteresse dos jovens da comunidade, interrompendo assim o processo de transmissão do saber entre as gerações (Amoroso, 1996).

A etnobotânica inclui todos os estudos concernentes à relação mútua entre populações tradicionais e as plantas. Apresenta, como característica básica de estudo, o contato direto com as populações tradicionais, procurando uma aproximação e vivência que permitam conquistar a confiança das mesmas, resgatando, assim, todo conhecimento possível sobre a relação de afinidade entre o ser humano e as plantas de uma comunidade (Cotton, 1996).

Pois, a desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanham a devastação do ambiente e a inclusão de novos elementos culturais ameaça muito de perto a perda de acervo dos conhecimentos empíricos e do patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras (Amoroso & Gély 1988).

Desta forma, estudos relacionados com a medicina popular têm merecido cada vez mais atenção, devido à gama de informações e esclarecimentos que fornecem a ciência contemporânea, sendo notável o crescente número de pesquisas na área, como as realizadas por Amoroso & Gély (1988), com o uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, em Barcarena (PA); Schardong & Cervi (2000), através do levantamento de plantas medicinais e místicas na comunidade de São Benedito, em Campo Grande (MS) e os de Parente & Rosa (2001), com o levantamento de plantas comercializadas como medicinais no município de Barra de Pirai (RJ).

Outros autores, como Van den Berg & Silva (1985, 1988), Rêgo (1988), Amoroso (1996), Milliken & Albert (1996), Silva-Almeida & Amoroso (1998), Castellucci et al. (2000), De Paula et al. (2002), Franco & Fontana (2002), Amoroso (2002) e Silva (1997, 2003), também pesquisaram sobre o uso de plantas medicinais em diversas comunidades.

O objetivo do presente estudo foi levantar as plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola de Olho D'água dos Pires, a fim de conhecer suas formas de uso, modo de preparo dos medicamentos, partes utilizadas, bem como sua identificação botânica e o valor de uso atribuído a cada espécie, também como forma de resgatar do conhecimento tradicional, servindo como instrumento para delinear estratégias de utilização do potencial fitoterápico e conservação das espécies citadas.

MATERIAL E MÉTODO

A comunidade quilombola de Olho D'água dos Pires localiza-se na microrregião do Baixo Parnaíba Piauiense, no município de Esperantina, a 160km ao norte da capital Teresina, nas coordenadas geográficas 03°54'10"S e 42°14'18"W (Figura 1).

O clima enquadra-se no tipo tropical semi-árido quente, com duas estações bem definidas, uma chuvosa (novembro-março) e outra seca (abril-outubro). As temperaturas máxima e mínima variam entre 26°C e 34°C. A formação vegetal predominante é a de transição entre Cerrado e Floresta Decidual Mista, possuindo extensas áreas com babaçuais (CEPRO, 1992).

A área estudada possui 127ha, onde atualmente residem 33 famílias, descendentes de um casal de escravos, com uma população total de 178 pessoas. Possuem como atividade econômica principal à agricultura familiar, criação de pequenos animais e extrativismo, através da quebra do coco babaçu, para auto-consumo e comercialização. Nos anos recentes, as influências externas vêm se tornando marcantes, aprofundadas pela implementação de infra-estrutura moderna, que permite a rápida inserção na área da ideologia urbano-industrial.

A coleta dos dados ocorreu sistematicamente de fevereiro de 2003 a abril de 2004, com a aplicação de questionário nos 33 grupos familiares da comunidade. Foram levantadas, dentre outras informações, as plantas conhecidas pelos entrevistados, sua utilidade e formas de uso. A comunidade apontou oito informantes que detinham o conhecido saber, os quais participaram das excursões de coleta do material etnobotânico de uso medicinal, seguindo a metodologia proposta por Ribeiro (1987).

A obtenção de amostras do material botânico vivo foi realizada mediante metodologia usual (Mori

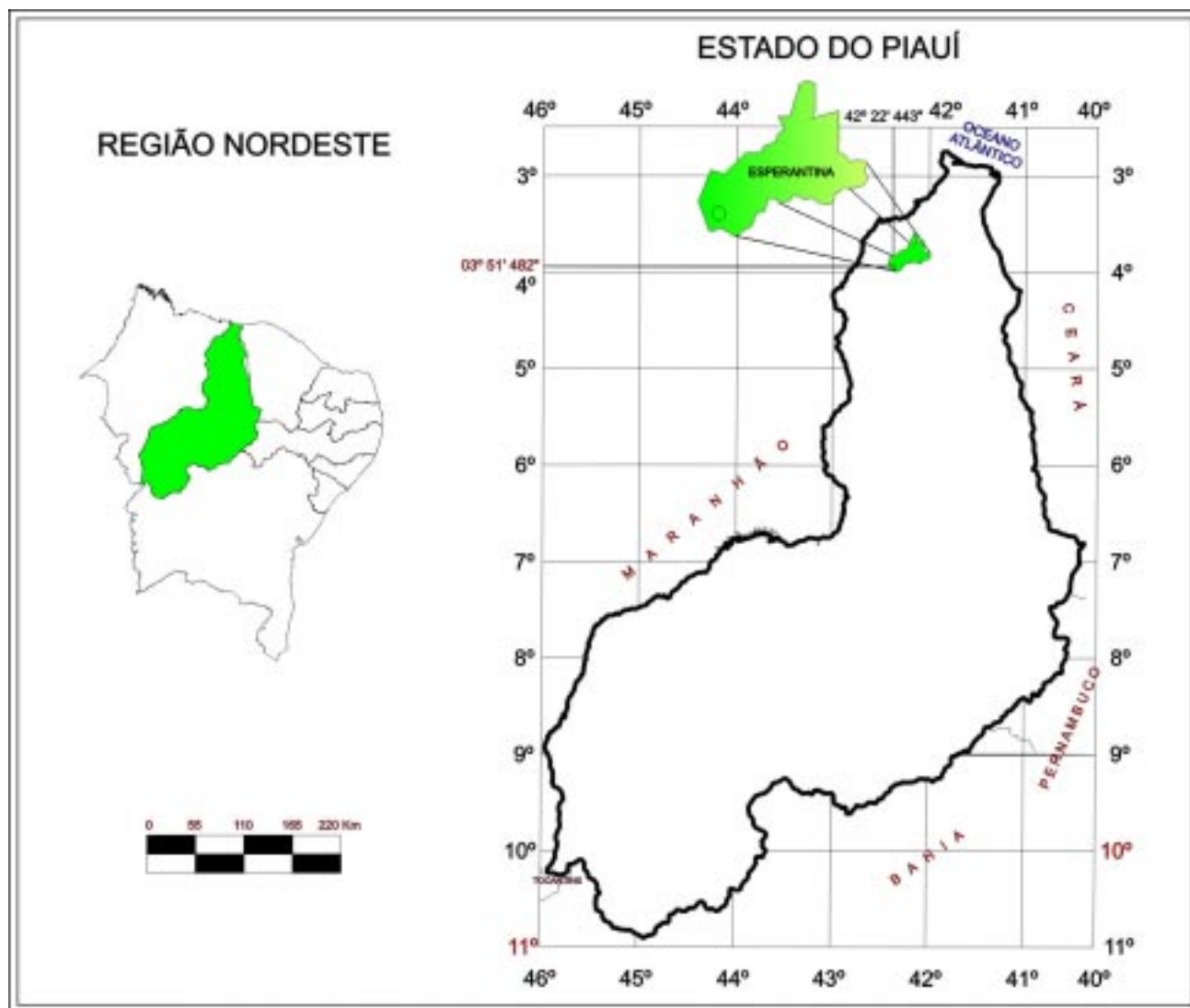


FIGURA 1. Mapa de localização do Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil.
Fonte: Elaboração própria.

et al. 1989). Todo o material coletado foi incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí.

A identificação dos espécimes coletados foi realizada com base em bibliografia especializada, revisões e estudos taxonômicos disponíveis, através de chaves de identificação e por descrições genéricas e específicas. A confirmação das identificações foi realizada por comparações morfológicas com exsiccatas identificadas, e ainda, por consultas a especialistas. O sistema adotado foi o de Cronquist (1981), com exceção da família Leguminosae. As abreviaturas dos nomes dos autores das espécies estão de acordo com Brummitt & Powell (1992).

As indicações foram agrupadas com base na classificação das doenças proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000) e as doenças ou estados que não puderam ser incluídos nesta classificação geral, foram agrupadas na categoria "sintomas e sinais gerais".

O valor de uso (VU) foi quantificado utilizando-se a metodologia descrita por Silva (1997), sendo o valor de uso calculado através da fórmula $VU = S (U/n)$, onde VU = valor de uso; U = número de citações (ou usos) da etnoespécie por informante e n = número de informantes que citaram a etnoespécie.

RESULTADO E DISCUSSÃO

No quilombo de Olho D'água dos Pires a flora medicinal constitui um arsenal terapêutico de enorme importância, pois desde várias décadas as plantas vêm sendo utilizadas como fontes medicamentosas empregadas em preparações tradicionais de cura na comunidade através de chás, tinturas, garrafadas, sucos, xaropes, unguentos, etc; algumas são também conhecidas como bastante tóxicas ao organismo humano.

Observou-se que a comunidade quilombola encontra-se em processo de transformação, havendo um confronto entre os modos de pensar e agir

tradicionais e as novas idéias e costumes trazidos com o contato intensificado nas décadas recentes com a sociedade urbana, refletindo-se nas questões ligadas à saúde e a doença. O quilombo conta com posto de saúde, tendo como funcionária um membro da comunidade, recebendo também visitas periódicas de membros do “Programa Saúde da Família” do Governo Federal; embora existam essas opções de tratamento, é habitual a maioria dos quilombolas de Olho D’água dos Pires buscar informações com os membros mais velhos sobre o uso das plantas com fins terapêuticos.

Das 33 famílias entrevistadas, 10% dos membros possuem idade acima de 50 anos e deste universo somente seis membros detêm 67% do conhecimento de uso e propriedade das plantas para fins terapêuticos; apenas três membros de faixa etária entre 21-35 anos também possuem este saber, necessitando assim de um urgente trabalho de resgate junto às novas gerações da comunidade. Este fato se verifica em quase todos os trabalhos com as comunidades tradicionais, em qualquer região do país; como observa-se também no trabalho de Schardong & Cervi (2000), onde mencionam que 78% do conhecimento etnobotânico da comunidade São Benedito, em Campo Grande (MS), concentrava-se

nas pessoas com mais de 57 anos.

Identificaram-se na área de transição entre Cerrado e Floresta Decidual Mista (mata de babaçu) 85 etnoespécies, distribuídas em 68 gêneros de 41 famílias de angiospermas. As famílias mais bem representadas foram Leguminosae (14 espécies), Euphorbiaceae (7) e Rutaceae (6). Resultados semelhantes foram encontrados por Abreu (2000), estudando uma área de transição entre Cerrado e Mata Ciliar no quilombo Mimbó, onde a família Leguminosae também se destaca como a mais representativa e De Paula et al. (2002), em seu estudo na comunidade sertaneja na região arqueológica central da Bahia, onde das 61 etnoespécies indicadas, 15 pertenciam a esta família.

O maior número de espécies medicinais foram indicadas em Olho D’água dos Pires para sintomas e sinais relativos ao sistema respiratório (26,7%), tais como gripe, sinusite, inflamação na garganta, pneumonia, asma, tosse, dentre outras (Figura 2), o mesmo sendo observado por diversos autores como Amoroso & Gély (1988), Silva-Almeida & Amoroso (1998), Schardong & Cervi (2000) e Silva (2003). Em seguida, encontram-se as doenças relativas ao sistema intestinal, como diarreia e helmintíases (14,8%), possuindo também um gama

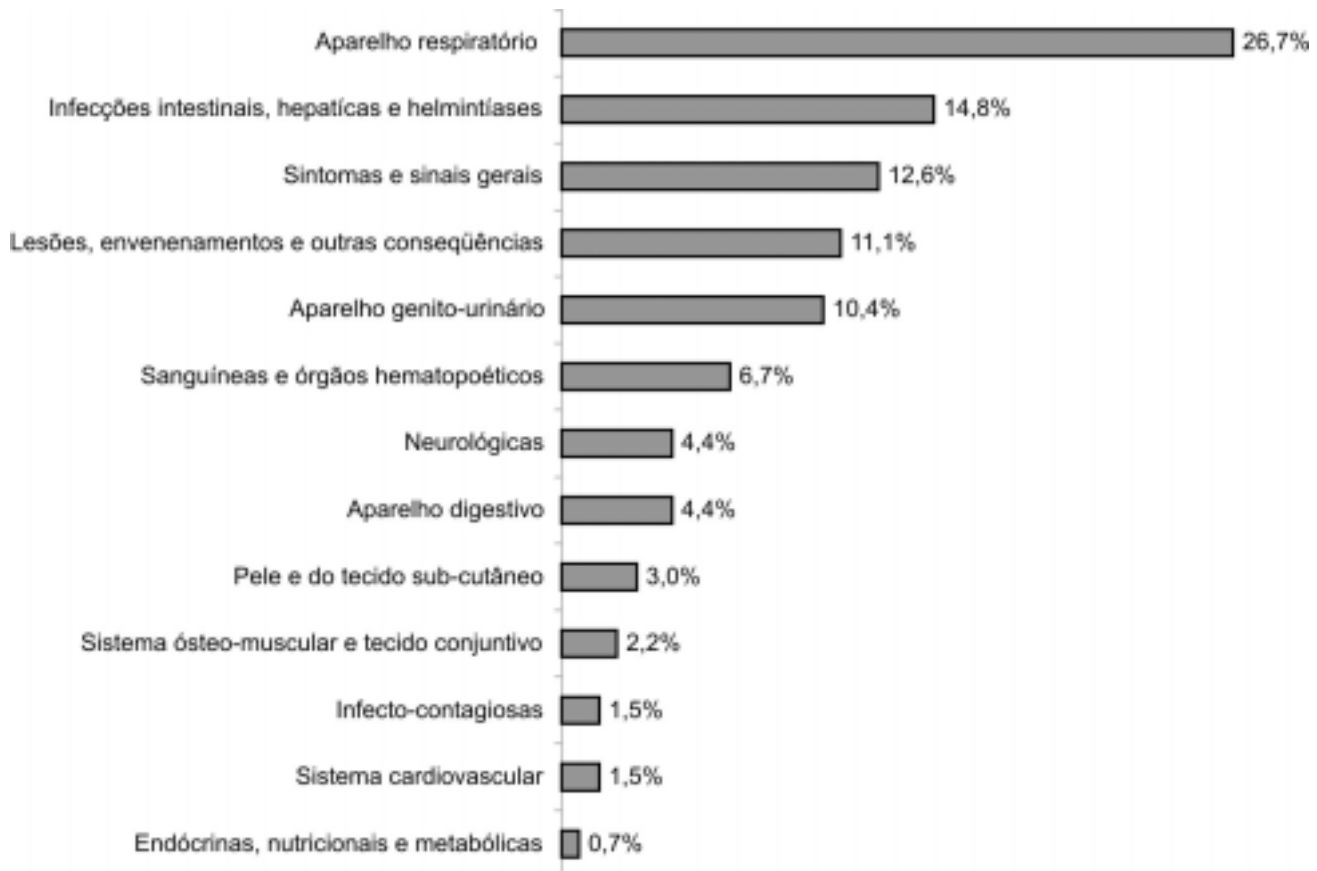


FIGURA 2. Percentual de espécies citadas por grupo de doenças na comunidade quilombola de Olho D’água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil.

de plantas indicadas para a cura destes males.

Alguns distúrbios foram enquadrados na categoria de sintomas e sinais gerais (12,6%), por não possuírem sintomatologia relativa às demais categorias, como febre, dor no corpo em geral, aparecimento de piolho, dentre outros citados pela comunidade de Olho D'água dos Pires.

Entre as mulheres da comunidade de Olho D'água dos Pires há uma forte tendência e conhecimento para o uso de preparos para cura das "inflamações de mulher" – relacionadas ao aparelho genito-urinário (10,4%). O mesmo foi observado por Abreu (2000) na comunidade Mimbó, onde grande parte dos medicamentos de origem vegetal são indicados para tratamentos de problemas do aparelho reprodutor feminino, distúrbios intestinais e inflamações de modo geral.

As espécies indicadas na Tabela 1 foram coletadas em ambientes diversos, desde quintais, roças, capoeiras (áreas de vegetação secundária), como também nas áreas de vegetação nativa, sempre com auxílio de pessoas da comunidade de notório saber. A maior parte (68%) das espécies utilizadas como medicinais crescem espontaneamente em ambientes naturais ou antropicamente modificados, enquanto 28% são cultivadas e apenas 4% são adquiridas fora da comunidade. Este fato reflete, até certo ponto, a riqueza florística local, e que seu maior uso em relação às cultivadas está diretamente ligado à disponibilidade de habitat e ao fato da comunidade explorar efetivamente este ambiente. Amoroso & Gély (1998), ao estudarem os caboclos do Baixo Amazonas, em Barcarena (PA), encontraram que 50% das plantas utilizadas para fins medicinais eram espontâneas e 50% passaram a ser cultivadas em quintais, facilitando assim sua obtenção, estes dados também foram encontradas por Schardong & Cervi (2000).

Em relação à indicação de uso, 50% possuem apenas um uso terapêutico, 24% possuem dois usos e 26% são indicadas para três ou mais usos; destaca-se a coronha, podendo ser empregada no tratamento de diarreia, gripe, rouquidão, febre, derrame, inflamação na garganta e dores na cabeça; o açoita-cavalo, utilizado no tratamento da hepatite, anemia, como depurativo de sangue, sendo contra-indicado para mulheres grávidas pelo efeito abortivo. A eficiência do uso do açoita-cavalo foi comprovada na cura de anemia e como depurativo de sangue por Franco & Fontana (2002).

Merecem destaque entre as espécies espontâneas em relação à frequência e coerência de citações a janaguba, por se tratar da espécie mais difundida na comunidade, encontrando-se com abundância em seu habitat natural, seguida da ameixa, citada por 39% dos entrevistados, a imburana (24%) e a coronha (21%). E entre as cultivadas a

malva-do-reino (45%) e o algodão (30%) das citações.

Na composição atual da farmacopéia quilombola há muitas indicações de plantas para fins terapêuticos adquiridas pelo contato com a sociedade urbana; como o exemplo da acerola, popularmente usada no combate a gripe entre a comunidade, o anador para dores na cabeça e a goiaba para problemas intestinais.

Foi calculado o valor de uso (VU) para cada espécie, de acordo com o número de citações e seus respectivos informantes, encontrando-se que 19,5% das etnoespécies possuem valor de uso maior que 1,00 – variando entre 1,07 e 2,00 – demonstrando assim que há uma intensa igualdade entre o número de citações de uso e o número de informantes no que se refere à maioria das plantas utilizadas para fins medicinais na comunidade. As espécies com maior VU foram o mussambê (3,00), que apresenta três usos medicinais distintos informados por um membro da comunidade, seguida da batata-de-purga (2,00), do boldo (1,60), cajuí e quina (1,50), coronha (1,43) e açoita-cavalo (1,40).

Segundo Phillips & Gentry (1993 a, b) um aspecto interessante a se observar no cálculo do valor de uso é que uma determinada espécie citada por apenas um informante e que apresente uma variedade de usos apresentará um VU de destaque em relação às outras.

Para Wong (2000), espécies pouco difundidas na comunidade mas com usos diversos, quando passam a ser utilizadas em algum momento da vida de um determinado indivíduo da comunidade terão um valor de uso maior que uma espécie utilizada diariamente porém com apenas um único uso. Assim, segundo o mesmo autor, o valor de uso revela mais sobre a distribuição e variabilidade de conhecimento entre as pessoas do que sobre a utilidade da espécie por si. Este fato foi observado na pesquisa com a janaguba, sendo citada por toda a comunidade (ampla distribuição) para a cura da gripe (baixa variabilidade de conhecimento), fazendo com que fosse atribuída à mesma o valor de uso 1,15. Aplica-se também ao mussambê, que possui valor de uso elevado (3,00), por apresentar três usos medicinais distintos (alta variabilidade de conhecimento), mas todos eles informados por um único membro da comunidade (distribuição restrita).

Para o preparo dos remédios são citadas diversas partes dos vegetais, destacando-se as folhas (43,5%) e cascas (19,5%); sementes (8%), raízes (7%), frutos (6%), flores (5%), látex e entre-casca (3%), sumo e bulbo (2%) e azeite (1%) aparecem apenas raramente. Costa-Neto & Oliveira (2000), demonstram resultados semelhantes nos estudos ocorridos em Tanquinho (BA), onde dentre as 97 espécies citadas, cerca de 42% a folha é citada como parte indicada, seguida dos grãos e sementes com

TABELA 1. Lista das espécies com aplicações terapêuticas utilizadas no Quilombo de Olho D'água dos Pires, Esperantina, PI, com seus nomes vulgares, número de coletor (NC) (il = identificada no local), ocorrência (O) (p = plantada, c = comprada, e = espontânea, e* = espontânea sem material florido durante a coleta), valor de uso (VU), indicação de uso (IU), parte utilizada (PU) e forma de preparo (FP).

Família/Espécie/Nome vulgar	NC	O	VU	IU	PU	FP
Acanthaceae						
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.(Anador)	il	p	1,00	dor de cabeça	folha	chá
Alliaceae						
<i>Allium ascalonicum</i> L.(Cebola-branca)	-	c	1,00	gripe	bulbo	lambedor
<i>A. sativum</i> L.(Alho)	-	c	1,00	gripe	bulbo	chá
Anacardiaceae						
<i>Anacardium occidentale</i> L.(Cajuí)	EF095	e	1,50	gripe, derrame, dor de barriga	folha, caule (casca), semente	banho, chá
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (Aroeira)	-	e*	1,33	inflamação, gastrite	caule (casca)	garrafada, chá
<i>Spondias purpurea</i> L.(Ciriguela)	il	p	1,00	diarréia	folha	chá
Apiaceae						
<i>Pimpinella anisum</i> L.(Erva-doce)	-	c	1,00	calmante	semente	chá
Apocynaceae						
<i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart. (Pau-pereiro)	il	e*	1,00	febre	casca	chá
<i>Hymatanthus sucuba</i> (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson(Janaguba)	EF160	e	1,12	gripe, tosse, garganta inflamada, inflamação em geral, depurativo	látex	suco
Arecaceae						
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng. (Babaçu)	EF131	e	1,25	diarréia, ferimento	semente	chá uso tópico
<i>Cocos nucifera</i> L.(Coco-da-praia)	il	p	1,00	anti-hemorrágico	fruto(entre-casca)	chá
Bignoniaceae						
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC) Standl(Pau-d'arco roxo)	EF065	e	1,00	anemia	caule (casca)	garrafada chá
Boraginaceae						
<i>Heliotropium elongatum</i> (Sehm.) I. M. Johnst.(Crista-de-galo)	EF007	e	1,00	gripe	folha	lambedor
<i>H. lanceolatum</i> Ruiz & Pav.(Sete-sangrias)	EF142	e	1,00	depurativo	raiz	garrafada chá
Bromeliaceae						
<i>Bromelia karatas</i> L. (Croata ou Coroatá)	EF79	e	1,00	coqueluche, gripe	raiz	chá
Capparaceae						
<i>Cleome spinosa</i> L. (Mussambê)	EF140	e	3,00	gripe, tosse garganta inflamada	raizfolha	garrafada chá
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i> L.(Mamão)	il	p	1,00	prisão de ventre	folha	chá

Caryocaceae

Caryocar coriaceum Wittm.(Pequi) EF96 e 1,00 gripe azeite lambedor

Cecropiaceae

Cecropia sp.(Imburana) EF59 e* 1,25 dor em caule chá

C. glaziovii Sneathlage (Imbaúba ou Torém) EF74 e* 1,00 gripe, folhacaule chá
inchaço no (casca) banho
corpo

Clusiaceae

Platonia insignis Mart.(Bacuri) EF111 e 1,00 diarreia semente chá

Combretaceae

Combretum leprosum Mart. (Mufumbo) EF069 e 1,00 anti-hemorrágico, caule chá
dor de (casca)
barriga

Convolvulaceae

Ipomoea asarifolia (Desr.) Roem. & Schult. (Salsa) EF056 e 1,00 catapora folha banho

Operculina macrocarpa (L.) Farw. (Batata-de-purga) EF067 e 2,00 laxante, raiz (goma) suco
depurativo

Chenopodiaceae

Chenopodium ambrosioides L. (Mastruz) il p 1,00 gripe folha lambedor

Cucurbitaceae

Cucurbita pepo L.(Abóbora) EF104 p 1,00 dor de flor (sumo) uso tópico
ouvido

Momordica charantia L.(Melão-de-são-caetano) EF019 e 1,00 mata folha uso tópico
piolho,
coceira

Wilbrandia vericilata Cong.(Batata-de-teju) EF109 e 1,00 antiofídico raiz chá

Dilleniaceae

Curatella americana L.(Sambaiba) EF076 e 1,00 inflamação caule garrafada
(casca)

Euphorbiaceae

Chamesyce prostrata (Aiton) Small (Bacural) EF005 e 1,00 diarreia, dor folha chá
de barriga

Croton campestris A. St. Hil.(Velame) EF153 e 1,20 dor em folha caule chá
geral, gripe, (casca)
prisão de
ventre

C. sonderianus Müll. Arg.(Marmeleiro) EF154 e 1,00 Inchaço, folha chá
dor na
barriga

Jatropha curcas L.(Pião-branco) EF106 e 1,00 inflamação folha chá

Phyllanthus niruri Müll. Arg.(Quebra-pedra) EF001 e 1,00 inflamação folha chá
no fígado, lambedor
gripe

Ricinus communis L.(Mamona) EF102 e 1,00 verminose, semente azeite,
laxante, dor folha macerado
de cabeça

Lamiaceae

Coleus barbatus Benth.(Boldo) il p 1,60 inflamação folha chá
no fígado,
dor no
intestino,
ressaca

Ocimum americanum L.(Manjeriçã) il p 1,00 gripe folha inalação

<i>O. gratissimum</i> L.(Favaca)	il	e*	1,00	gripe	folha	banho
Lauraceae						
<i>Persea americana</i> Mill.(Abacate)	il	p	1,00	dor nos rins	folha	chá
Lecythidaceae						
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.(Sapucaia)	EF162	e	1,00	coceira	folha	banho
Leguminosae						
Caesalpinoideae						
<i>Bauhinia flexuosa</i> Moric.(Cipó-de-escada-do-cerrado)	EF159	e	1,00	dor nos rins, diarréia, febre	caule (casca)	garrafada
<i>B. forficata</i> Link (Mororó)	EF135	e	1,00	diabetes	folha	chá
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart ex Tul.(Jucá)	EF066	e	1,00	dor na coluna,dor nos rins, inflamação	fava caule (entre-casca)	chá
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne (Jatobá)	EF167	e	1,00	inflamação, gripe	caule (casca)	garrafada uso tópico
<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vog.(Pau-pombo)	EF088	e	1,00	ferimento	caule (casca)	
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.(Mata-pasto-do-Pará)	EF064	e	1,00	gripe	flor	chá
<i>S. obtusifolia</i> (L.) H. S. Irwin & Barneby(Mata-pasto ou Pastão)	EF002	e	1,00	gripe, purgante	semente raiz, flor	chá
<i>S. occidentalis</i> (L.) Link(Fedegoso)	EF025	e	1,00	impingem, gripe, verminose	folha, flor	macerado chá
<i>Tamarindus indica</i> L.(Tamarindo)	EF168	e	1,00	verminose	folha	chá
Faboideae						
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth (Sucupira)	EF86	e	1,00	gripe, dor de cabeça, inflamação	caule (entre-casca)	garrafada banho
<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth. (Mucunã-peluda)	EF228	e	1,00	gripe	látex	suco
Mimosoideae						
<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Willd. (Folha-santa ou Coronha)	-	e*	1,43	febre, gripe, diarréia, dor de cabeça, rouquidão, garganta inflamada, derrame	vagem folha	chá garrafada
<i>A. langsdorfii</i> Benth.(Unha-de-gato)	EF230	e	1,00	gripe, dor na coluna, ferimento	folha caule (casca)	chá
<i>Piptadenia macrocarpa</i> Benth.(Angico-preto)	-	e*	1,17	inflamação, gripe, dor nas costas	caule (casca)	garrafada
Malpighiaceae						
<i>Malpighia glabra</i> L.(Acerola)	EF196	p	1,00	gripe	fruto	suco
Malvaceae						
<i>Gossypium herbaceum</i> L.(Algodão)	EF85	p	1,00	asma, gripe, inflamação	folha, maça	chá lambedor

<i>Malva sylvestris</i> L.(Malva-do-reino)	il	p	1,07	gripe, rouquidão	folha	lambedor
Myrtaceae						
<i>Campomanesia aromatica</i> (Aubl.) Gris (Guabiraba-amarela)	EF216	e	1,00	coração	folha	chá
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.(Eucalipto)	il	p	1,00	gripe	folha	chá
<i>Eugenia uniflora</i> L. (Guabiraba-preta)	EF158	e	1,00	gripe	folha	banho
<i>Psidium guajava</i> L.(Goiaba)	EF180	p	1,00	diarréia	folha	chá
Olacaceae						
<i>Ximenia americana</i> L.(Ameixa)	EF73	e*	1,15	inflamação, ferimento, falta de ar	caule (casca)	garrafada
Orchidaceae						
<i>Cathasetum</i> sp(Banana-brava)	EF121	e	1,00	puxa espinho	fruto	macerado
Plumbaginaceae						
<i>Plumbago scandens</i> L.(Louco)	EF144	e	1,00	coceira	folha	macerado
Poaceae						
<i>Cymbopogon citrates</i> (DC.) Stapf. (Capim-de-cheiro ou Santo)	il	p	1,00	calmante, hipertensão	folha	chá
Punicaceae						
<i>Punica granatum</i> L.(Romã)	-	c	1,00	gripe	fruto(casca)	mastigação
Rubiaceae						
<i>China</i> sp.(Quina)	-	e*	1,50	gastrite, depurativo	casca	garrafada
Rutaceae						
<i>Citrus aurantium</i> L.(Laranja)	il	p	1,00	febre	folha	chá
<i>C. aurantium</i> L.(Laranja-da-terra)	Il	p	1,00	gripe, prisão de ventre	folha fruto	chá suco
<i>C. limonum</i> Risso (Limão)	il	p	1,00	gripe, hipertensão	fruto folha	suco chá
<i>C. sinensis</i> Osbeck(Laranja-da-china)	il	p	1,00	calmante, prisão de ventre	folha fruto (casca)	chá chá
<i>Ruta graveolens</i> L.(Arruda)	EF92	e	1,00	dor de dente	folha	cigarro chá
Scrophulariaceae						
<i>Scoparia dulcis</i> L.(Vassourinha)	EF014	e	1,00	inflamação, gripe	raiz	chá
Simaroubaceae						
<i>Simaba maiana</i> Casar.(Pratudo)	EF081	e	1,00	depurativo	folha	chá
Solanaceae						
<i>Solanum paniculatum</i> L. (Jurubeba)	EF136	e	1,00	ferimento	caule (casca)	maceração
Tiliaceae						
<i>Luehea divaricata</i> Mart.(Açoita-cavalo)	EF77	e	1,40	gripe, anemia, hepatite, depurativo, inflamação	caule (casca)	garrafada
Turneraceae						
<i>Turnera ulmifolia</i> L.(Xanana)	EF134	e	1,00	ferimento	flor	maceração
Verbenaceae						
<i>Holocalyx balansae</i> Micheli(Alecrim)	il	p	1,00	gripe, dor de cabeça	folha	banho chá

<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.(Erva-cidreira)	il	p	1,25	rouquidão, gripe	folha	chá
<i>Vitex triflora</i> Vahl(Mama-cahorra)	EF126	e	1,00	verruca	látex	uso tópico
Não identificadas (Crioli)	EF143	e	1,00	pneumonia, dor em geral	caule (entre-casca)	garrafada chá
(Dipirona)	-	p	1,50	febre, dor de cabeça	folha	chá
(Quebra-mandinga)	EF177	p	1,00	dor no corpo	folha	banho

Fonte: Elaboração própria.

12% citações.

Amoroso (2002) obteve resultados semelhantes estudando o uso e diversidade de plantas medicinais em comunidades no município de Santo Antônio do Leverger (MT). Para Gonçalves & Martins (1998) e Castellucci et al. (2000), a explicação mais plausível para o maior uso das folhas na preparação de remédios deve-se ao fato de sua maior disponibilidade durante todo o ano (excetuando-se em biomas de Caatinga) e que é nas folhas que se concentram grande parte dos princípios ativos.

Já entre as comunidades da caatinga, estudadas por Albuquerque & Andrade (2002), destaca-se o uso das cascas por estas partes estarem disponíveis durante todo o ano, em função da caducidade das folhas na época seca.

Na comunidade estudada observou-se também que diferentes partes de uma mesma planta são utilizadas para a cura da mesma afecção, como no caso do mussambê, empregado no combate à gripe, podendo ser utilizada a raiz na forma de garrafada (associada a outras plantas) ou a folha na forma de chá.

O modo de administrar mais comum é por via oral, na forma de chá (48%) em decoctos ou infusos, seguida das garrafadas (13%), que são preparadas a partir da extração das ervas em solução com água ou álcool e lambedores (7%), preparados com açúcar ou mel; para uso externo destacam-se os banhos (9%), como forma de retirar do corpo o mal-estar provocado pela doença. Resultados encontrados também por Parente & Rosa (2001) e por Rodrigues & Carvalho (2001).

Vários fatores contribuem para que haja perda de espécies de valor terapêutico e informações sobre elas, sendo o mais preocupante o repasse de conhecimento pelas pessoas mais idosas do quilombo, o qual é realizado de forma lenta e recebido pelos membros mais jovens com bastante desinteresse, provavelmente devido às alterações antrópicas pelas novas formas de apropriação e uso da terra. Estes fatores demonstram que estudos desta natureza devem ser otimizados, abrindo possibilidades

de exploração e melhor aproveitamento quanto à pesquisa interdisciplinar, fornecendo subsídios para implantação de programas de saúde mais adaptados à realidade cultural dos quilombolas, otimização do uso das plantas com caráter terapêutico e valorização do saber tradicional.

AGRADECIMENTO

A comunidade quilombola de Olho D'água dos Pires, pelo repasse das informações de forma clara e precisa, e de maneira especial ao Cláudio, Salvador, Antônio, Domingos, Sr. Chico, Sr. Luiz, Sr. Borges, Dona Chica, Dona Jesus, Navegantes, Socorro, que espontaneamente envolveram-se e se dedicaram a esse trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABREU, J.R. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizados pelos quilombolas Mimbó (Amarante, Piauí, Brasil)**. 2000. 68p. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.3, p.273-85, 2002.
- AMOROSO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.1, p.47-131, 1988.
- AMOROSO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.) **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996. p.47-68.
- AMOROSO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, p.189-203, 2002.
- VAN DEN BERG, M.E.; SILVA, M.H.L. Contribuição ao conhecimento da flora medicinal do Maranhão. In: REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICA, 8., 1985, Recife. **Anais...** Recife: Sociedade Botânica do Brasil - Seccional de Pernambuco, 1985. p.141-54.
- VAN DEN BERG, M.E.; SILVA, M.H.L. Contribuição ao conhecimento da flora medicinal de Mato Grosso do Sul. **Acta Amazonica**, v.18, n.1-2, p.9-22, 1988.

- BRUMMITT, R.K.; POWELL, C.E. **Author of plant names**. London: Royal Botanic Gardens Key, 1992. 732p.
- CASTELLUCCI, S. et. al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio - SP; uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.3, n.1, p.51-60, 2000.
- CEPRO. **Perfil dos municípios**. Teresina: Fundação Cepro, 1992. 420p.
- COSTA-NETO, E.M.; OLIVEIRA, M.V.M. The use of medicinal plants in the coutry of Tanquinho, state of Bahia, North-eastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.2, n.2, p.1-8, 2000.
- COTTON, C.M. **Ethnobotany: principles and applications**. New York: J. Wiley, 1996. 320p.
- CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262p.
- DE PAULA, F. et al. Estudo preliminar etnobotânico de plantas de uso medicinal na Região Arqueológica de Central - Bahia (Brasil). Disponível em: <www.naya.org.ar/congresso2002/ponencias/marha_locks.htm>. Acesso em: 06/07/2004.
- FRANCO, I.J.; FONTANA, V.L. **Ervas & Plantas: a medicina dos simples**. Erexim, RS: Edelbra, 2002. 246p.
- GONÇALVES, M.I.A.; MARTINS, D.T.O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v.79, n.3/4, p.56-61, 1998.
- MILLIKEN, W.; ALBERT, B. The use of medicinal plants by the Yanomamy Indians of Brazil. **Economic Botany**, v.50, n 1, p.10-25. 1996.
- MORI, S.A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 24. ed. Bahia: Centro de Pesquisa do Cacau, 1989. 104p.
- Organização Mundial da Saúde-OMS. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. 10. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 354p.
- PARENTE, C.E.T.; ROSA, M.M.T. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, v.52, p.47-59, 2001.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A.M. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v.47, n.1, p.15-32, 1993a.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A.M. The useful plants of Tambopata, Peru. II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v.47, n.1, p.33-43, 1993b.
- RÊGO, T.J.A.S. Levantamento de plantas medicinais na baixada maranhense. **Acta Amazonica**, v.18, n.1-2, p.75-88, 1988.
- RIBEIRO, B.G. **Suma etnológica brasileira**. 2.ed. Petrópolis: FINEP, 1987. 120p.
- RODRIGUES, V.E.G., CARVALHO, D.A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência Agrotécnica**, v.25, n.1, p.102-23, 2001.
- SHARDONG, R.M.F.; CERVI, A.C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro são Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica Paranaense**, v.29, p.187-217, 2000.
- SILVA-ALMEIDA, M.F.; AMOROSO, M.C.M. Medicina popular no Distrito de Ferraz, Município de Rio Claro, Estado de São Paulo. **Brazilian Journal of Ecology**, v.2, p.36-46, 1998.
- SILVA, V.A.. **Etnobotânica dos índios Xucuru com ênfase às espécies do Brejo da Serra de Ororubá (Pesqueira-PE)**. 1997. 75p. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Silva, V.A. **Etnobotânica dos índios Fulni-ô (Pernambuco, Nordeste do Brasil)**. 2003. 132p. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- VIEIRA, R.F. Coleta e conservação de recursos genéticos de plantas medicinais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA E TERAPIAS, 1. 1994, Brasília. **Trabalhos...** São Paulo: Instituto Médico Seraphis, 1994. p.44-9.
- WONG, J.L.G. **The biometrics of non-timber forest product resource assessment: a review of current methodology**. Roma: European tropical forest research network, 2000. 115p.